



Revista Cocar. Edição Especial N.45/2025 p.1-18

ISSN: 2237-0315

**Dossiê: Experiências instituintes de pesquisa e formação docente:
diálogos latino-americanos**

Memorial de Formação: percursos singulares, dimensões teórico-metodológicas coletivas

Memorial de Formación: recorridos singulares, dimensiones teórico-metodológicas colectivas

Guilherme do Val Toledo Prado
Maria Natalina de Oliveira Farias
Renata Barroso de Siqueira Frauendorf
Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP
Campinas -Brasil

Resumo

Este artigo discute o papel dos Memoriais de Formação como dispositivos narrativos na Educação, problematizando como articulam memória, experiência e constituição dos sujeitos. O objetivo é compreender de que modo tais memoriais, ao narrarem trajetórias pessoais e profissionais, se configuram como instrumentos teórico-metodológicos e epistemopolíticos da pesquisa narrativa. A investigação adota a metodologia narrativa de pesquisa em educação e analisa seis produções (quatro teses, uma dissertação e um memorial acadêmico). Os resultados indicam que a escrita do memorial favorece a elaboração crítica das trajetórias formativas e amplia a compreensão das dimensões coletivas e singulares da docência. Conclui-se que os memoriais constituem práticas discursivas potentes para articular vida, conhecimento e pesquisa, assumindo caráter ético, estético e político.

Palavras-chave: Memorial de Formação; Pesquisaformação; Sujeitos da Experiência

Resumen

Este artículo discute el papel de los Memoriales de Formación como dispositivos narrativos en la Educación, problematizando cómo articulan memoria, experiencia y constitución de los sujetos. El objetivo es comprender de qué modo dichos memoriales, al narrar trayectorias personales y profesionales, se configuran como instrumentos teórico-metodológicos y epistemopolíticos de la investigación narrativa. La investigación adopta la metodología narrativa de investigación en educación y analiza seis producciones (cuatro tesis, una tesis doctoral y un memorial académico). Los resultados indican que la escritura del memorial favorece la elaboración crítica de las trayectorias formativas y amplía la comprensión de las dimensiones colectivas y singulares de la docencia. Se concluye que los memoriales constituyen prácticas discursivas potentes para articular vida, conocimiento e investigación, asumiendo un carácter ético, estético y político.

Palabras clave: Memorial de Formación; Investigación-formación; Sujetos de la Experiencia

Limiар de sentidos

Eu vivi esses momentos, como se o verbo viver não fosse o suficiente, não fosse o bastante. Essas lembranças, esses tempos habitam o hoje, como se fossem sonhos, como se fossem os únicos sonhos a que tenho acesso. É como se eles tivessem chegado a um entendimento: não somos nós que guardamos lembranças, ao contrário, as lembranças é que nos guardam a nós. As memórias, que parecem etéreas, fragmentadas, são uma postura ética, que constrói essa totalidade que é nossa alma.

Mia Couto (2014)ⁱ

Este texto se abre como um limiar de sentidos, um lugar onde memórias e palavras se entrelaçam para anunciar um percurso investigativo e reflexivo sobre Memoriais de Formação. A memória, em suas dimensões discursivas, éticas e estéticas, constitui um tema central no GEPEC – Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Continuada, da Faculdade de Educação da Unicamp, servindo como eixo para refletirmos sobre os processos formativos e investigativos no campo da Educação.

Este artigo tem como objetivo discutir o papel dos Memoriais de Formação no contexto da pesquisa narrativa, interpretando-os como dispositivos que evocam experiências vividas, reconfiguram no presente os múltiplos sentidos do passado e possibilitam compreensões ampliadas dos sujeitos em suas singularidades históricas.

A relevância dessa discussão reside no potencial dos memoriais para articular saberes acadêmicos e experiências pessoais, tensionando os limiares entre vida e conhecimento, pesquisa e formação. Essa abordagem adquire um sentido ainda mais significativo no contexto das pesquisas desenvolvidas no Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada – GEPEC, em especial no subgrupo Círculo Narrativo de Estudos em Educação - Nozsoutres, criado em janeiro de 2021, durante a pandemia de Covid-19.

O Nozsoutres reúne pesquisadores(as), orientandos(as) e ex-orientandos(as) do professor Dr. Guilherme do Val Toledo Prado e da professora Dra. Liana Serodio, compondo um espaço coletivo de produção de conhecimento em educação, sustentado pelas narrativas orais e escritas, como possibilidade de elaboração e compreensão das experiências formativas e investigativas.

Este artigo utiliza como metodologia de trabalho o estudo e interpretação de seis Memoriais de Formação que fazem parte de: quatro teses de doutorado (Lucas, 2021;

Munhoz, 2023; Frauendorf, 2023; Lima, 2024), uma dissertação de mestrado profissional (Ferrasin, 2024) e um Memorial Acadêmico apresentado à banca de Professor Titular (Prado, 2024).

Ao tema da memória ofereceremos uma abordagem panorâmica, permitindo um olhar ampliado para diferentes possibilidades de reflexão nas articulações entre linguagem e constitutividade dos sujeitos da experiência (Smolka, 2000), como é o caso das pesquisas realizadas no âmbito do GEPEC e do Nozsoutres.

A memória não se constitui apenas como um processo fisiológico – embora esse aspecto tenha sido reconhecido como uma faculdade fundamental do corpo, com implicações na dinâmica cognitiva – mas, sobretudo, como uma prática discursiva e social. A memória se realiza na linguagem, se concretiza semioticamente, assumindo forma nas materialidades que a sustentam: nos textos, nos relatos, nos gestos, nas imagens, nos arquivos (Smolka, 2000). Ela é, portanto, um fenômeno que se inscreve tanto no corpo quanto na cultura, atravessando a dimensão do vivido e do narrado.

O tema da memória oferece elementos para pensarmos questões amplas como as políticas da memória, questões de visibilidade e invisibilidade e os modos pelos quais nós nos reconhecemos (ou somos reconhecidos) socialmente. Ela expressa também a maneira como determinadas experiências, embora vividas por sujeitos singulares, são organizadas a partir de narrativas socialmente compartilhadas.

Nesse sentido, a narrativa *autoheterobiográfica*ⁱⁱ se destaca como um modo que permite ao sujeito narrar-se, organizando sua trajetória com base em parâmetros culturais da comunidade narradora em que está inscrito, no ato de dizer de si. O sujeito *autoheterobiográfico*, ao narrar, revela a relação dinâmica e indissociável entre o individual e o coletivo, entre o eu e o outro, por isso o termo *autohetero* se justifica aqui, em diálogo com o biográfico (Passeggi, 2016). Narrar-se é, também, aparecer no mundo (Arendt, 2020), reconstituir experiências vividas, dar-lhes forma, contorno e sentido. A produção semiótica da experiência se torna, então, um dos principais modos de construção da constitutividade dos sujeitos narradores de suas experiências. Ao organizar a experiência – ainda que silenciosamente, a partir da expressão de si, ainda que em pensamentos, no discurso interior (Voloshinov, 2018, p. 127) – o sujeito opera um processo de narrativização (Passeggi, 2016). Nesse movimento, a infância surge como figura emblemática: marcada pela noção da não-

fala (Agamben, 2005), ela evidencia como as formas de contar e recontar são influenciadas por diferentes forças – institucionais, familiares, sociais, culturais.

Por fim, permanece a questão inquietante: qual o valor científico da história contada por uma pessoa? A narrativa pessoal é também um campo de saber, uma produção legítima de conhecimento que, embora situada e marcada pela subjetividade, carrega densidade teórica, política e existencial, uma vez que o contador de histórias não se guia por palavras eleitas, mas sim por palavras vividas (Benjamin, 1987). Trata-se, portanto, de reconhecer o valor epistêmico das narrativas como forma de produzir sentido, interpretar o mundo e reinscrever-se nele (Passeggi, 2016).

Mia Couto, escritor moçambicano, escolhido para abrir esse texto, afirma que a lembrança só é considerada lembrança para o sujeito porque há uma relação ética e estética no acontecimento revivido pelos fios de memória ou em vestígios do lembrado, constituindo a totalidade do que chama de alma. Santo Agostinho, em *Confissões*, estabelece relação semelhante entre tempo, memória e conhecimento, reconhecendo a memória como constitutiva da amálgama da alma (Miranda, 2001, p. 227). Benjamin (1987), por sua vez, entende lembrança e esquecimento como constitutivos da memória, um terreno onde a experiência vivida é escavada pelo sujeito que, explodindo em lampejos que renovam o velho mundo, compromete-se, assim, com o presente vivido. Bakhtin, na obra *Estética e Criação Verbal* (2011), também discute a noção de memória discursiva no problema da grande temporalidade, provocando-nos a pensar que a memória, assim como a palavra, não tem início ou fim absolutos, pois todo sentido está em constante transformação no diálogo infinito entre passado, presente e futuro, sempre podendo renascer em novos contextos.

Rememorar o passado, trazer rastros de memória para o presente e evocar experiências vividas remetem à relevância das passagens que nos constituem como pessoas singulares e sujeitos históricos, formados em trajetórias de vida que escolhemos e/ou que foram escolhidas para nós. Cada experiência vivida, cada palavra ouvida ou proferida, cada momento de hesitação e desafio, como afirma Larrosa (2002), nos formam, nos deformam e nos transformam, firmando sentimentos, pensamentos, ideias e emoções que nos forjam como sujeitos únicos na relação com os muitos outros que nos constituem (Bakhtin, 2011). Elias (1994) reforça essa perspectiva ao afirmar que, dentro de um mesmo grupo, as relações e histórias individuais nunca são exatamente idênticas, pois, cada pessoa parte de uma posição única em sua rede de relações e atravessa uma história singular até sua morte.

Nesse sentido, nossa existência vai se transformando nas relações que outros estabelecem conosco e que estabelecemos com eles, modificando-nos e (trans)formando também aqueles com os quais nos relacionamos pessoal e profissionalmente.

Compreendemos que esse intenso movimento de (trans)formação se revela na escrita dos Memoriais de Formação, sobretudo quando integrado às metodologias narrativas de pesquisa em educação. Por isso escolhemos a narrativa, esse gênero discursivo (Prado, 2024), para compor nossas investigações, por favorecer reflexões sobre os contextos de formação e pesquisa, bem como sobre os saberes e conhecimentos produzidos no campo educacional.

Memorial de Formação: de olho no passado com olhos de presente

Um dos grandes desafios ao escrever sobre Memorial de Formação é o que trazer e o que apresentar que ainda não tenha sido feito, a se considerar a diversidade e quantidade de artigos produzidos sobre essa temática, de modo geral, e especificamente no GEPEC ao longo dos últimos anos.

Diante de tamanha diversidade encontrada, de artigos escritos e publicados em revistas acadêmicas, capítulos de livro e anais do CIPA - Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)biográfica – entre os anos de 2005 a 2024, bem como de pesquisas de mestrado profissional, acadêmico e de doutorado realizadas entre 2021 e 2024 no GEPEC, optamos por organizar dois blocos de produções a fim de apresentar as reflexões dos pesquisadores e das pesquisadoras do GEPEC e do subgrupo Nozsoutres, com o intuito de identificarmos o que já foi instituído como metodologia do grupo e as singularidades.

O primeiro bloco de produção e reflexão refere-se aos textos do grupo de pesquisa GEPEC publicados em diferentes veículos. Identificamos sete produções entre os anos de 2005 e 2024, iniciando por *Memorial de Formação: quando as memórias narram a história de formação* de Guilherme do Val Toledo Prado, Rosaura Angélica Soligo (2005); *A escrita de memoriais a favor da pesquisa e da formação* de Eliane Greice Davanço Nogueira, Guilherme do Val Toledo Prado, Renata Cristina Oliveira Barrichelo Cunha, Rosaura Angélica Soligo (2008); *Memorial de Formação: uma narrativa pedagógica de profissionais da educação* de Guilherme do Val Toledo Prado, Renata Cristina Oliveira Barrichelo Cunha, Rosaura Angélica Soligo (2008) ; *Narrativa pedagógica e memoriais de formação: Escrita dos profissionais da educação?* de Guilherme do Val Toledo Prado, Cláudia Roberta Ferreira, Carla Helena Fernandes (2011); *Memorial de Formação: A Escrita como Recriação de Sentido na Atuação do*

Professor Formador de Formador de Renata Barroso de Siqueira Frauendorf (2016); *Narrativas e Percursos Investigativos em Educação: uma narrativa pedagógica do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada* de Guilherme do Val Toledo Prado (2018) e *Sobre memorial de formação: um breve ensaio* de Guilherme do Val Toledo Prado (2018).

As produções se aproximam por sustentarem uma posição epistêmica quando o assunto é abordado na formação de professores/as nos contextos escolares narrados e vividos por eles/as. Trazem similitudes que destacamos em referências historicamente construídas nos distintos grupos de pesquisas com que nos relacionamos. Nas últimas décadas, o Memorial de Formação tem se consolidado como dispositivo significativo na constituição de práticas reflexivas no campo da formação docente, principalmente a partir das contribuições da Profa. Dra. Conceição Passeggi (2006, 2007, 2023, 2024). Sua emergência está vinculada a um movimento mais amplo de valorização da experiência, da subjetividade e da escrita de si como modos legítimos de produção de saber pedagógico. No contexto de pesquisaformação (Bragança, Prado, Araújo, 2021), a escrita memorial se revela como espaço privilegiado de elaboração da constituição pessoal e profissional ou mesmo no desenvolvimento profissional da docência.

O texto *Memorial de Formação: quando as memórias narram a história de formação*, de Guilherme do Val Toledo Prado e Rosaura Angélica Soligo (2005), discute o memorial de formação como um dispositivo pedagógico e metodológico que permite compreender e narrar a trajetória formativa de sujeitos, especialmente professores. Os autores defendem que, ao escreverem sobre suas memórias, os sujeitos organizam e ressignificam suas experiências, articulando vivências pessoais, escolares e profissionais. Assim, o memorial se constitui como um exercício de reflexão crítica e produção de conhecimento sobre si mesmo e sobre a prática docente. O texto também destaca que a escrita de si, nesse contexto, é um ato político, ético e formativo, pois possibilita ao autor (re)conhecer sentidos e marcas de sua história, promovendo a escuta sensível e o diálogo com outras trajetórias. Esse texto é considerado referência potente para nossas produções no grupo.

Poucos anos depois, em 2008, duas publicações ampliam significativamente o escopo dessa discussão. Em *A escrita de memoriais a favor da pesquisa e da formação*, Elaine Greice Davanço Nogueira, Guilherme do Val Toledo Prado, Renata Cristina Oliveira Barrichelo Cunha e Rosaura Angélica Soligo (2008) aprofundam o papel da escrita de si como prática investigativa, articulando o memorial à perspectiva da pesquisa-formação; o memorial é

defendido como um instrumento de pesquisa qualitativa que valoriza a subjetividade, a singularidade das trajetórias e a construção compartilhada de saberes no campo da educação. Nesse contexto, a escrita deixa de ser mero testemunho e se torna ato epistêmico e ético, capaz de produzir conhecimento situado e comprometido com a docência. Já em *Memorial de Formação: uma narrativa pedagógica de profissionais da educação*, Guilherme do Val Toledo Prado, Renata Cristina Oliveira Barrichelo Cunha e Rosaura Angélica Soligo (2008) enfatizam o caráter pedagógico da narrativa de si, destacando o memorial como prática coletiva, construída na escuta e na interlocução, e atravessada pela subjetividade e pelo engajamento profissional.

A esse movimento soma-se, em 2011, a contribuição de Guilherme do Val Toledo Prado, Cláudia Roberta Ferreira e Carla Helena Fernandes com *Narrativa pedagógica e memoriais de formação: escrita dos profissionais da educação*. O texto tensiona o lugar da escrita na formação docente, formulando perguntas fundamentais: quem escreve, para quê, com que efeitos? Ao fazer isso, reafirma o memorial como ferramenta crítica de análise da prática, recusando sua instrumentalização burocrática ou normatizadora.

Em 2016, o trabalho de Renata Barroso de Siqueira Frauendorf, *Memorial de Formação: a escrita como recriação de sentido na atuação do professor formador de formadores*, desloca o foco para os processos de formação continuada, especialmente no campo da formação de formadores. A autora propõe a escrita como prática de recriação, ou seja, reelaboração de sentidos na experiência docente, contribuindo para a compreensão da formação como um movimento permanente de ressignificação.

Dois anos depois, em 2018, Guilherme do Val Toledo Prado retoma o tema em *Narrativas e percursos investigativos em educação: uma narrativa pedagógica do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada*. O texto sistematiza uma rica experiência coletiva de pesquisa-formação, reafirmando o papel das narrativas pedagógicas e dos memoriais como formas de produção de conhecimento. O grupo de estudos se configura como espaço privilegiado de escuta, partilha e elaboração compartilhada de saberes.

Por fim, em 2018, o autor publica *Sobre memorial de formação: um breve ensaio*, no qual retoma, de modo sintético e reflexivo, o percurso teórico-metodológico em torno do memorial. Nesse texto, observa-se outros modos de dizer da temática que, após anos sendo referenciada a partir do texto inaugural mencionado anteriormente (Prado; Soligo, 2005),

dialoga com os distintos e variados grupos constituídos no interior do GEPEC, marcados pelas problematizações, tensões e permanências do campo problemático e investigativo em torno das narrativas e pela defesa do Memorial de Formação como prática ético-política, em resistência à tecnicização dos processos formativos.

O conjunto das produções revela um exercício dialógico e compartilhado, teórico-metodológico em torno do memorial de formação como prática de pesquisa e de constituição de subjetividades docentes. Ao longo de duas décadas, nota-se o deslocamento de uma abordagem mais individual e introdutória para perspectivas mais complexas e coletivas, em que a escrita memorial não apenas narra uma trajetória, uma escrita de si, mas a reinventa à luz da escuta responsiva e do compromisso ético/estético com a relação da universidade com as escolas da educação básica, professores/as, estudantes da educação.

O segundo bloco traz as referências das pesquisas desenvolvidas, seja do mestrado profissional como do acadêmico, e de doutorado no âmbito do Círculo Narrativo de Estudos em Educação - Nozsoutres, subgrupo do GEPEC. Selecioneamos as concluídas entre os anos de 2021 e 2024, sob orientação do Professor Guilherme do Val Toledo Prado, ancorado discursivamente nas discussões nos/dos grupos instituídos do GEPEC.

Giseli de Souza Lucas, na tese *Os encontros de formação e a (auto) formação nos e dos encontros: experiências de uma pedagoga no ensino técnico profissional* (2021), ao narrar sua trajetória como pedagoga no Instituto Federal de São Paulo, ressignifica o memorial como forma de pensar e pesquisar a própria prática. Inspirada em Bakhtin, Paulo Freire e autores da pesquisa narrativa, a escrita assume um papel epistêmico: produzir saber a partir da experiência, da memória e da relação com o outro, em torno dos eixos “eu-para-mim”, “outro-para-mim” e “eu-para-o-outro”. O memorial se apresenta como possibilidade de compreender a própria atuação pedagógica na instituição e as relações estabelecidas com os sujeitos. Giseli revisita suas próprias memórias com olhar reflexivo, mostrando como a escrita permite reelaborar versões de si, denunciar desigualdades e afirmar a profissionalidade da pedagoga. O memorial é, em sua tese, um lugar de autoria, alteridade e transformação. A obra contribui significativamente para o campo da formação docente ao mostrar como a escrita de si pode ser prática política-formativa.

Já a tese de Renata Barroso de Siqueira Frauendorf, intitulada: *De estrela a constelações: "investigaçāoformação" narrativa da formadora "flâneuse" de formadoras* (2023), inspira-se na imagem das constelações e nas figuras benjaminianas da colecionadora

e da *flâneuse*. Através de mônadas e fragmentos de memória, costura histórias próprias e de outras formadoras, compondo quatro constelações temáticas: *Zeferina*, *Tucunaré*, *Experta* e *Fortuna*. Cada uma revela aspectos reflexivos constitutivos da formação continuada no Brasil, especialmente no terceiro setor, denunciando desigualdades, tecnicismos e apagamentos históricos. A autora afirma que “ao investigar, me formei”, explicitando o duplo movimento do Memorial de Formação: narrar para compreender, rememorar para (re)significar. A tese de Renata, ao entrelaçar vivências, narrativas e imagens, reinventa modos de narrar e se formar, contribuindo para ampliar os sentidos e as potências desse gênero na formação docente e na compreensão do trabalho das formadoras.

As mônadas e fragmentos de memória que juntos produzem o efeito de um Memorial de Formação originam-se de seu Inventário de Pesquisa (Prado, Morais, 2011; Prado et al., 2018; Frauendorf, Prado, 2022). Para desenhar as constelações a investigadora flanou por imagens, registros de formação e rodas de conversa — parte do seu inventário de documentos— e se deixou guiar por perguntas e provocações que surgiram a partir dos deslocamentos realizados. Nesse deslocamento, para “desenterrar cidades soterradas” (Benjamin, 1987), emergem memórias involuntárias de forma transgressora, desordenada e livre do tempo cronológico, revelando à investigadora-formadora-narradora-flâneuse outra potência do ato de inventariar (Frauendorf; Prado, 2024). Ao narrar as experiências que a constituem como formadora em relação aos outros, a partir de seu inventário, ela compõe um memorial de formação que ultrapassa um único capítulo. Esses lampejos de memória atravessam a tese, sendo acolhidos de modo que a narrativa não se feche em si mesma, mas represente seu “eu” sem reduzi-lo a uma mercadoria. (Gagnebin, 2013)

Lucianna Magri de Melo Munhoz, na tese: *A professora é da mesma natureza que as crianças: reflexões singulares de uma militante freinetiana.* (2022), desenvolve seu trabalho reflexivo a partir da metáfora da jardinagem — com sementes, solo, cultivo e florescimento. A autora revisita e reinterpreta sua trajetória como educadora, formadora e militante da Pedagogia Freinet. A narrativa de Lucianna é marcada por três eixos centrais: a pedagogia Freinet como escolha de vida, não apenas como método, mas como postura ético-política; a docência entendida como trabalho criador, sensível e relacional, que abarca tanto crianças quanto adultos; a formação docente como prática em comunidade, na qual o isomorfismo pedagógico e a autoformação cooperada ganham centralidade.

A autora cultiva sentidos para sua atuação, questiona estruturas institucionais e reafirma a potência da escuta, da experimentação e da autoria docente. À luz do conceito de Memorial de Formação, Lucianna Magri de Melo Munhoz configura sua tese como uma prática de reflexão sobre si no mundo, em permanente diálogo com o outro e com a escola. O memorial é aqui vivido como solo fértil de aprendizagens, onde experiência, memória e teoria se entrelaçam para fazerem florescer novos modos de ser e estar na docência.

A tese de Suzanny da Silva Lima, “*Saberes docentes: o que narram os professores iniciantes de língua inglesa sobre suas práticas educacionais em Altamira-PA*” (2024), pode ser compreendida como uma forma ampliada de Memorial de Formação, na medida em que articula experiência pessoal, trajetória acadêmica e escuta das narrativas de outros sujeitos, configurando-se como um texto autoheterobiográfico-coletivo. Ela percorre rotas vividas e revisitadas, reconhecendo o valor formativo da memória — uma prática de subjetivação. A autora constrói o texto entrelaçando vivências pessoais (como sua experiência no interior do Pará, a vida escolar e as dificuldades enfrentadas para ingressar e permanecer na docência) com as histórias de seus estudantes — professores iniciantes. Isso evoca um gesto formativo no qual o sujeito se (re)conhece e se transforma pela linguagem.

Ao tomar e analisar as histórias de professores iniciantes, Suzanny mobiliza a noção de formação como experiência intersubjetiva. As vozes dos sujeitos da pesquisa apontam desafios concretos — como o choque de realidade, o embate com a precarização do ensino, e a distância entre a formação acadêmica e os saberes locais — que constituem uma cartografia afetiva e social da docência.

A dissertação “*Os fios de constituição da professora-pesquisadora-alfabetizadora: diálogos com um coletivo de professoras*”, de Fernanda Camargo Dalmatti Alves Lima Ferrasin, apresenta um percurso formativo entrelaçado pela metáfora do crochê, que se desdobra em escrita, memória, experiência e coletividade. Nesse contexto, o Memorial de Formação assume eixo fundante da pesquisa e da constituição da autora como professora-pesquisadora.

A produção do memorial emerge como um ato de rememoração ativa, em que a autora busca compreender a própria trajetória profissional e afetiva. Trata-se de uma escrita que articula as dimensões do vivido, do pensado e do sentido, sustentada por uma abordagem narrativa de inspiração bakhtiniana. Fernanda não se limita a relatar

cronologicamente sua história, mas revê, revisita e reinscreve sua formação com profundidade, buscando, como diz Bakhtin (2011), “uma palavra maior do que ela mesma”.

O memorial, portanto, funciona como dispositivo de formação e autoria, no qual a educadora assume uma postura responsável diante da própria história. A escrita é carregada de subjetividade, escuta e elaboração crítica, revelando deslocamentos epistemológicos e identitários que ocorrem no contato com o coletivo de professoras do Grupo de Estudos Alfabetização em Diálogo – GRUPAD, um dos subgrupos do GEPEC. Nesse grupo, a formação é vivida de forma colaborativa, com trocas, narrativas pedagógicas e tensionamentos entre teoria e prática no campo da alfabetização.

Um dos méritos centrais da dissertação é a valorização da memória como prática formativa e política. Os registros do cotidiano escolar, os bilhetes das crianças, as imagens guardadas, os relatos do chão da escola, documentos que fazem parte de seu Inventário de Pesquisa, são tratados como fontes legítimas de conhecimento, abrindo espaço para que saberes docentes, muitas vezes desqualificados pela academia, sejam reconhecidos e valorizados.

Além disso, o memorial evidencia a produção de conhecimento situado, em que a professora se afirma como sujeito do processo investigativo, rechaçando a dicotomia entre quem ensina e quem pesquisa. A metáfora do crochê reforça essa concepção: a autora entrelaça fios do passado, presente e futuro em sua narrativa, revelando que a formação é contínua, inacabada e costurada nas relações que se vive — com crianças, com seus pares, os teóricos e os afetos que a constituem. O memorial de formação da pesquisadora atravessa todo seu texto de modo a evidenciar também na forma que escolhe organizar sua narrativa, com o entrelaçamento de fios e experiências.

O memorial “*Narrativas Labirínticas – Labirintos Narrativos*”, de Guilherme do Val Toledo Prado, configura-se como uma obra densa e singular, em que a escrita de si não apenas narra uma trajetória profissional, mas constitui um gesto formativo, ético e estético. Amparado pela metáfora do labirinto, o texto propõe uma travessia pela memória como espaço de formação docente, em diálogo com autores como Bakhtin, Benjamin, Paulo Freire e Larrosa.

Prado (2024) recusa a linearidade dos relatos convencionais e constrói um texto onde a escrita memorial é atravessada pela multiplicidade, pela dúvida e pelo inacabamento. A

rememoração não é apenas um resgate do passado, mas um ato de escavação crítica no qual a experiência é revisitada e interrogada como possibilidade de sentido e transformação.

Ao tensionar os limites entre o memorial acadêmico e o memorial de formação, o autor revela como a escrita narrativa pode ser lugar de resistência e invenção, contrapondo-se aos moldes técnicos e normativos da academia. Nesse movimento, a subjetividade não é um desvio, mas parte constitutiva do conhecimento. A vida pessoal, os afetos, os conflitos e as contradições são acolhidos como matéria legítima da formação docente.

Outro ponto forte do texto é a centralidade da escuta e da alteridade. O memorial é também memória compartilhada, feita de vozes alheias – de estudantes, colegas, professores e familiares – que atravessam e constituem o sujeito-narrador. A escrita se torna, assim, um espaço dialógico, marcado pela relação entre o eu e o outro, pela incompletude que convoca à escuta e à responsividade.

Por fim, o memorial é apresentado como uma prática pedagógica e política: escrever sobre a própria formação é também um ato de resistência frente à desumanização dos processos educativos e à tecnicização da docência. Ao afirmar o valor da narrativa na construção do saber docente, Prado (2024) contribui com uma perspectiva potente sobre a formação: formar-se é narrar-se, é dar sentido ao vivido, é fazer do passado matéria de transformação no presente, numa perspectiva de um futuro outro. Como afirma Guilherme, um gesto de autoria que afirma a docência como ato estético, político e profundamente humano. “O memorial se situa entre o relato biográfico e o gesto formativo: nele, o autor se reinscreve e se reinventa como sujeito, como docente e como pesquisador.” (p.17)

Considerações abertas- novos porvires limiares

Queremos acreditar, a partir do exposto, que o exercício de produção de um Memorial de Formação no âmbito das pesquisas narrativas *autoheterobiográficas* é uma produção que não só retoma os valores *epistemopolíticos* apresentados pelos autores e autoras de referência no tema, como Passeggi (2023) e outros, como também implica os próprios pesquisadores narrativos em suas pesquisasformação (Bragança, Prado, Araújo, 2021).

O Memorial de Formação, no contexto das pesquisas narrativas, assume não só um expor o sujeito da experiência (Larrosa, 2002), como também apresenta as tramas existenciais do sujeito que o levaram a pesquisar narrativamente o tema de sua pesquisa, no contexto de uma determinada comunidade de narradores e de investigadores narrativos.

Portanto, na perspectiva dos pesquisadores narrativos e das pesquisadoras narrativas do Círculo Narrativo de Estudos em Educação - Nozsoutres , a produção do Memorial de Formação no contexto investigativo, além de ser um exercício de compreensão de sua trajetória pessoal e profissional, das dores e delícias do seu ser e estar no mundo, favorecendo uma “aprendizagem biográfica” (Passeggi, 2010), possibilita também um circunscrever-se implicado na temática investigativa a constituir-se na pesquisa narrativa em curso.

Uma coisa muito importante a se destacar é que o Memorial de Formação, inscrito em uma determinada pesquisa narrativa, apresenta, naquele circunscrito espaço-tempo, as escolhas narrativas do sujeito da experiência e do sujeito investigador, favorecendo a constituição de uma trama narrativa no determinado contexto investigativo, não favorecendo seu uso em outro contexto investigativo. É necessária a produção de um novo Memorial de Formação pelo pesquisador, seja pela retomada dos memoriais anteriores ou mesmo pela construção de um novo memorial, que atenda os ditames espacotemporais do novo percurso investigativo, como indicado nas reflexões acerca do Memorial de Formação produzido pelo Professor Guilherme do Val Toledo Prado (2024).

Com base em pesquisas e artigos dos participantes do GEPEC e do Nozsoutres sobre Memorial de Formação, buscamos compreender as relações e tensões entre narradores e narradoras que escrevem sobre si em uma relação não indiferente com os outros e com a comunidade narradora da qual fazem parte (Bakhtin, 2011). Defendemos o duplo papel da escrita do Memorial de Formação: como exercício memorialístico de constituição dos sujeitos – entendidos em sua dimensão social ampliada, atravessados por ondas de desejo, revolta e desesperos coletivos, sem se traír ou vender uma narrativa de individualismo triunfante (Gagnebin, 2013) – e também como dispositivo teórico-metodológico, em muitos casos interligado ao Inventário de Pesquisa, que não só revela como acolhe e nasce das escolhas teóricas e metodológicas de cada pesquisador em sua singularidade, dentro da pluralidade do mundo.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **Infância e história:** destruição da experiência e origem da história. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: UFMG, 2005. p. 19-78.

AMORIM, Marília. O pesquisador e sua dobra: escrita, linguagem e subjetividade. In: FERRAROTTI, Franco et al. **Narrativas de si: teoria, método e escrita em pesquisa qualitativa**. São Paulo: Cortez, 2004. p. 41.

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Tradução de Sandra Stroparo. São Paulo: EdUNESP, 2010. p. 67.

ARENKT, Hannah. **A condição humana**. Tradução de Roberto Raposo. Revisão técnica de Adriano Correia. 13. ed. Rio de Janeiro: Forense, [1958] 2020.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Tradução de Lílian Moritz Schwarcz. Campinas: Editora Unicamp, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Editora 34, 2011. p. 219.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza; PRADO, Guilherme do Val Toledo; ARAÚJO, Mairce da Silva. **Sobre pesquisa-formação, itinerários e diálogos**. Educação Unisinos, 2021.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. (Obras escolhidas, v. 1).

COUTO, Mia. **Aula magna**: guardar memórias, contar histórias e semear o futuro. Aula magna proferida na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 29 set. 2014.

FERRASIN, Fernanda Camargo Dalmatti Alves Lima. **Os fios de constituição da professora-pesquisadora-alfabetizadora**: diálogos com um coletivo de professoras. 176f. Dissertação (Mestrado Profissional) – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Faculdade de Educação, Campinas, SP. 2024. Disponível em: <https://doi.org/20.500.12733/19056>. Acesso em: 16 jul. 2025.

FRAUENDORF, Renata Barroso Siqueira. Memorial de formação: a escrita como recriação de sentido na atuação do professor formador de formador. In: **VII Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica**, 2016, Cuiabá. **Narrativas (Auto)biográficas: conhecimentos, experiências e sentidos**. Cuiabá: Biograph, 2016. v. 1.

FRAUENDORF, Renata Barroso de Siqueira; PRADO, Guilherme do Val Toledo. A experiência errante da formadora de formadoras ao inventariar arquivos digitais. In: PASSARELLI, Lilian Chiuro; PASSOS, Laurizete Ferragut. **Formando formadores para a escola básica do século XXI: relatos de pesquisa VII**. 1. ed. Campinas, SP: Pontes, 2022. p. 37-56.

FRAUENDORF, Renata Barroso de Siqueira. **De estrela a constelações**: "investigação-formação" narrativa da formadora "flâneuse" de formadoras. 135f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. 2023. Disponível em: <https://doi.org/20.500.12733/16055>. Acesso em: 16 jul. 2025.

FRAUENDORF, Renata Barroso de Siqueira; PRADO, Guilherme do Val Toledo. Explorações metodológicas na investigação-formação: a narrativa da formadora flâneuse de formadoras.

Reflexão e Ação, 32(3), 2024, p. 270-286. Disponível em:
<https://doi.org/10.17058/rea.v32i3.19833>.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, 2013. 5. reimpr. da 2. ed. de 1999.

LARROSA BONDIA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20–28, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>. Acesso em: 17 jul. 2025.

LIMA, Suzanny da Silva. **Saberes docentes**: o que narram os professores iniciantes de língua inglesa sobre suas práticas educacionais em Altamira-PA. 164f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Faculdade de Educação, Campinas, SP. 2024. Disponível em: <https://doi.org/20.500.12733/30625>. Acesso em: 16 jul. 2025.

LUCAS, Giseli de Souza. **Os encontros de formação e a (auto)formação nos e dos encontros: experiências** de uma pedagoga no ensino técnico profissional. 200f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. 2021. Disponível em: <https://doi.org/20.500.12733/1641748>. Acesso em: 16 jul. 2025.

MIRANDA, José Carlos de. **O instante e o labirinto**: ensaios sobre o tempo e a memória na filosofia contemporânea. São Paulo: Editora UNESP, 2001. p. 227.

MUNHOZ, Lucianna Magri de Melo. **A professora é da mesma natureza que as crianças**: reflexões singulares de uma militante freinetiana. 192f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. 2022. Disponível em: <https://doi.org/20.500.12733/6250>. Acesso em: 16 jul. 2025.

NOGUEIRA, Eliane Grace Devanço; PRADO, Guilherme Val Toledo; CUNHA, Renata Cunha Barrichelo Oliveira; SOLIGO, Rosaura Angélica. A escrita de memoriais a favor da pesquisa e da formação. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 10, n. 19, p. 251–266, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.24109/2176-4168.v10i19.1421>. Acesso em: 16 jul. 2025.

PASSEGGI, Maria da Conceição. As duas faces do memorial acadêmico. **Odisseia**, v. 9, p. 65-75, 2006.

PASSEGGI, Maria da Conceição; COSTA, Patricia Lucia Galvão da. Memorial Escolar: a escola como lugar de memórias e de educação da memória. **Linguagens, Educação e Sociedade**, v. 28, p. 1-30, 2024.

PASSEGGI, Maria da Conceição; DAHLET, Véronique (org.). **Mémorial universitaire et de formation au Brésil**: une culture narrative dans l'enseignement supérieur brésilien. 1. ed. Paris: L'Harmattan, 2023.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Memorial de formação: entre a lógica da avaliação e da (auto)formação. **Presente!** v. 57, p. 34-37, 2007.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Memorial de formação. In: OLIVEIRA, Dalila Andrade; DUARTE, Adriana Maria Cancella; VIEIRA, Lívia Maria Fraga (org.). **DICIONÁRIO:** trabalho, profissão e condição docente. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CD-ROM.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Narrativas da Experiência na Pesquisa Formação: do sujeito epistêmico ao sujeito biográfico. **Roteiro**, Joaçaba, v. 41, n. 1, p. 67-86, jan./abr. 2016.

PRADO, Guilherme do Val Toledo; FRAUENDORF, Renata Barroso de Siqueira; CHAUTZ, Grace Carolina Buldrin. Inventário de Pesquisa: uma possibilidade de organização de dados da investigação. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 3, n. 8, p. 532-547, maio/ago. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.31892/rbpab2525-426X.2018.v3.n8.p547>. Acesso em: 15 jul. 2025.

PRADO, Guilherme do Val Toledo; MORAIS, Jacqueline de Fátima dos Santos. Inventário – organizando os achados de uma pesquisa. **EntreVer**, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 137-154, 2011. Disponível em: <https://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/EntreVer/article/view/1205>. Acesso em: 15 jul. 2025.

PRADO, Guilherme do Val Toledo; CUNHA, Renata Cunha Barrichelo Oliveira.; SOLIGO, Rosaura Angélica. Memorial de formação: uma narrativa pedagógica de profissionais da educação. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 1393-1412, out./dez. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-623665203>. Acesso em: 16 jul. 2025.

PRADO, Guilherme do Val Toledo; FERREIRA, Cláudia Roberta; FERNANDES, Carla Helena. Narrativa pedagógica e memoriais de formação: escrita dos profissionais da educação. **Currículo sem Fronteiras**, v. 20, n. 1, p. 124–143, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://www.curriculosemfronteiras.org/vol20iss1articles/prado-ferreira-fernandes>. Acesso em: 15 jul. 2025.

PRADO, Guilherme do Val Toledo. Narrativas e percursos investigativos em educação: uma narrativa pedagógica do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 68, p. 17–35, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.56223>. Acesso em: 14 jul. 2025.

PRADO, Guilherme do Val Toledo; SOLIGO, Rosaura Angélica. Memorial de formação - quando as memórias narram a história de formação. In: **Porque escrever é fazer história - revelações - subversões - superações**, 2007. p. 45-60.

PRADO, Guilherme do Val Toledo. Sobre memorial de formação: um breve ensaio. **Cadernos de Formação RBPAE**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 12–25, jan./jun. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.5380/cf.v9i1.66350>. Acesso em: 16 jul. 2025.

PRADO, Guilherme do Val Toledo. Narrativas e Percursos Investigativos em Educação: uma narrativa pedagógica do grupo de estudos e pesquisas em educação continuada - GEPEC. In: Maria Helena Menna Barreto Abrahão. (Org.). **A Nova Aventura (Auto)Biográfica: tomo III**. 1ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2018, v. 1, p. 181-212.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. A memória em questão: uma perspectiva histórico-cultural. **Educação & Sociedade**, ano XXI, n. 71, p. 166-193, jul. 2000.

VOLOCHÍNOV, Valentin N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 14. ed. São Paulo: Editora 34, 2018, p. 127.

Notas

ⁱ Aula magna "Guardar memórias, contar histórias e semejar o futuro", no início do segundo semestre letivo de 2014. O evento fez parte das comemorações dos 80 anos da UFRGS. Disponível: [\(49\) Aula Magna com Mia Couto - YouTube](#)

ⁱⁱ Modo como o Prof. Dr. Guilherme V.T.Prado diz em suas falas para valorizar a presença do outro – hetero – nas discussões sobre pesquisas autobiográficas

Sobre os autores

Guilherme do Val Toledo Prado

Professor Titular da Faculdade de Educação da UNICAMP. Coordenador do GEPEC - Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada e participante do Nozsoutres - Círculo de Estudos Narrativos em Educação. Graduado em Pedagogia (1987), mestre em Metodologia de Ensino (1992) e doutor em Linguística Aplicada - Ensino e Aprendizagem de Língua Materna (1999), obtidos na Universidade Estadual de Campinas. Livre-Docente em Educação Escolar (2015). Professor Titular em Educação Escolar (2024). Realizou estágio pós-doutoral pelo Departamento de Didáctica e Tecnologia Educativa da Universidade de Aveiro (Portugal), em 2007-2008, sob supervisão da Profa. Dra. Idália Sá-Chaves. Com experiências na área de Educação, ênfase na Prática de Ensino e Estágio Supervisionado nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, bem como consultoria e assessoria à projetos educativos centrados na escola, atuando principalmente nos seguintes temas, na graduação e pós-graduação: formação de professores - inicial e continuada, epistemologia da prática docente, professor-pesquisador, escrita docente, investigação educacional e pesquisa narrativa.

Email: gvptoledo@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2415-8369>

Renata Barroso de Siqueira Frauendor

Pesquisadora- Colaboradora - GEPEC -Grupo Educação e Pesquisa Educação Continuada/FE/UNICAMP. Doutora em Educação pela Faculdade de Educação/UNICAMP em Formação de Professores e Trabalho Docente. Graduada em Pedagogia pela Universidade de São Paulo. Foi Professora e Coordenadora Pedagógica de Educação Infantil. Coordena o Grupo Colaborativo Alfabetização em Diálogo - GRUPAD - FE/Unicamp desde 2010. É Coordenadora Adjunta do Programa Leitura e Escrita na Educação Infantil – LEEI – UNIFESP – Polo Campinas, junto ao Compromisso Nacional Criança Alfabetizada (MEC). Professora Convidada da Pós Graduação Alfabetização: relações entre ensino e aprendizagem - Instituto Superior de Educação Vera Cruz - ISE. Coordenadora Pedagógica do Curso de Especialização Formação, Docência e Alfabetização Inicial 1 e 2 anos desenvolvido pela UFPI em parceria com MEC. Coordenadora Geral do Percurso Formativo de 10. e 20. ano (CNCA - Perfor 1) Fascículos Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Ensino-Aprendizagem; formação de formadoras; formação de professores.

Email: renata.siqfrau@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5567-3235>

Maria Natalina Oliveira Farias

Cursando Doutorado em educação, ingresso em 2023, Faculdade de Educação, Unicamp. Mestrado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (2006). Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1994). Estudante de licenciatura em Letras pela UNIVESP, ingresso 2022. Trabalhou em 2022 como Analista educacional no Sesi - clt - Serviço Social da Indústria - Diretório Regional São Paulo. Integrante e participante do Grupo de estudos em educação continuada - GEPEC, faculdade de educação, Unicamp. Atuação na docência por 5 anos - fundamental e infantil, nos programas de formação continuada de Alfabetização, leitura e literatura na educação infantil, Dois anos na direção escolar da educação infantil. Formadora do PNAIC. Atuação coordenação pedagógica por 12 anos. Interesse nas pesquisas e estudos de formação de professores, narrativas discentes; alfabetização, literatura/leitura na educação infantil; coordenação pedagógica; organização trabalho pedagógico na educação infantil. Email: natalinafarias2203@gmail.com
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0888-5854>

Recebido em: 20/07/2025

Aceito para publicação em: 06/08/2025